

Riccardo Marchi e o grupo dos 67



Opinião Luís Pereira Coutinho

Riccardo Marchi escreveu um livro em que defende uma tese sobre o Chega, aduzindo argumentos em sua defesa (em defesa da tese, não do Chega, bem entendido). A tese, como todas, parte de pressupostos e defende concepções que não são neutras – designadamente, uma certa concepção de racismo ou não racismo, relacionada com a integração ou assimilação de minorias. Poder-se-á concordar ou não, sendo que discordar de alguns dos pressupostos, concepções ou argumentos não implica deixar de reconhecer que se trata de contribuição para um debate que importa ter.

Debater a tese de Riccardo Marchi, no entanto, não é o que me leva a escrever este texto. O que aqui está em causa é o artigo assinado por 67 investigadores de nomeada

(67, se os contei bem!), *Contra a higienização académica do racismo e do fascismo do Chega*, publicado no PÚBLICO de 11 de julho.

Causa estranheza, desde logo, que 67 vozes autorizadas se levantem no espaço público contra uma só, ainda mais quando esta última não é a de um responsável público a definir ou implementar uma política, mas tão-só a de um investigador que escreveu um livro. Essa voz solitária nem mesmo poderia ter sido tido em conta pelo Tribunal Constitucional quando não encontrou, no programa do Chega, algo que pudesse determinar a aplicação do artigo 46.º, n.º 4, da Constituição, em cujos termos não são permitidas “organizações racistas ou que perfilhem a ideologia fascista”. Se fosse esse o caso, até se compreenderia uma tal mobilização contra um só académico.

O que se revela mais preocupante, no entanto, não é a desproporcionalidade numérica da reação naquilo que aparenta ser uma contravenção às cerimónias necessárias a um debate frutuoso, mesmo que já não estritamente

académico. De facto, os 67 investigadores não pretendem ser cerimoniais ou intervir em espírito de debate. Pretendem “repudiar”, denunciar, mais do que debater.

O que sobretudo os move, se os entendi bem, é o facto de a RTP 2 ter tido a ousadia de ouvir Riccardo Marchi sobre a sua tese, permitindo-lhe desenvolver os seus argumentos “sem contraditório”.

Ora, se bem conheço as regras adotadas pelas redações, televisivas ou de imprensa, a entrevista a autor de um livro publicado sobre um tema relevante não obriga a confrontá-lo, de imediato, com vozes que contradigam a respetiva tese ou argumentos. De resto, recordo-me bem de ver muitos dos 67 autores deste artigo a serem entrevistados nos *media*, também públicos, sobre obras publicadas ou sobre as ideias que desenvolvem enquanto académicos, tendo-lhes sido dada a liberdade de as expor sem imediato contraditório. E tal, apesar de se tratar de teses e argumentos muitas vezes polémicos, com pressupostos e concepções não partilhadas. Alguns deles desenvolveram mesmo teses e



Aquilo a que adiro é à defesa de um espaço público aberto, atravessado por debates vigorosos

Data: 14.07.2020

Titulo: Riccardo Marchi e o grupo dos 67

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 12



formularam argumentos enquanto responsáveis por programas da televisão pública!

Perante isto, e tendo também em conta a rispidez da linguagem usada, torna-se difícil supor que a intenção deste grupo de investigadores fosse a de sujeitar a tese de Riccardo Marchi a contraditório. Não faltariam, de resto, meios que lhes permitissem fazê-lo, tendo cada um deles acesso aos mais diversos *media*. Pelo contrário, a suspeita que fica é a de que os 67 investigadores pretendiam que a tese de Riccardo Marchi, nomeadamente a sua conceção de racismo ou não racismo, fosse suprimida do espaço público, nem mesmo sendo apresentada. E isto, sim, é grave, num espaço público que se pretende plural.

Permita-se-me dizer, antes de terminar, que a motivação deste texto em nada tem que ver com uma qualquer adesão às teses de Riccardo Marchi ou, ainda menos, ao programa do Chega. Devo deixar claro que não adiro a este último e que tenho dúvidas sobre as primeiras. Aquilo a que adiro é à defesa de um espaço público aberto, atravessado por debates vigorosos sobre os temas que interessam à nossa vida coletiva. Um desses temas, precisamente, é o do racismo e a sua relação ou não relação com a promoção da integração. E é precisamente esse tema que fica por discutir quando, em vez de se debater, se opta pela vergastada coletiva de um só.

**Professor da Faculdade
de Direito da Universidade
de Lisboa**



Área: 351cm² / 37%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6895096